

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE

MARIA EDUARDA MENDONÇA CUNHA

**FAYGA: O LIVRO ILUSTRADO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

UBERLÂNDIA

2024

MARIA EDUARDA MENDONÇA CUNHA

**FAYGA: O LIVRO ILUSTRADO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Maira de Melo

UBERLÂNDIA-MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C972 2024	<p>Cunha, Maria Eduarda Mendonça, 2001- Fayga [recurso eletrônico] : O livro ilustrado como recurso didático para professores de artes visuais / Maria Eduarda Mendonça Cunha. - 2024.</p> <p>Orientadora: Roberta Maira de Melo. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Artes Visuais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Artes. I. Melo, Roberta Maira de, 1971-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Artes Visuais. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 7</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

MARIA EDUARDA MENDONÇA CUNHA

**FAYGA: O LIVRO ILUSTRADO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Maira de Melo

Uberlândia-MG, 26 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Roberta Maira de Melo - Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória – Membro Titular

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão – Membro Titular

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais Terezinha e Márcio, que foram os melhores que alguém poderia ter. Também dedico à minha família unida, grande e barulhenta que deixam meus dias mais fáceis e felizes. Por último, dedico esse livro a todas as minhas amigas e amigos que me apoiaram em todo esse período lindo e caótico de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Universidade Federal de Uberlândia, esse espaço riquíssimo de conhecimento que me proporcionou experiências eternas. Agradeço por todas as minhas vivências nesse espaço, disciplinas, estágios, oficinas, atividades de extensão, momentos que me construíram de uma forma ou de outra, e que moldaram a professora que anseio por me tornar.

Agradeço calorosamente aos meus professores, tantas vezes me peguei pensando que era exatamente como eles que gostaria de lecionar, pela inspiração e motivação diária, minha infinita gratidão. Não é exagero quando digo que sendo aluna de todos, me conheci como nunca havia conhecido antes.

Agradeço à minha tia e madrinha Maria Helena que em 2019 quando meu coração estava tomado de incertezas, pelo desejo de infância de fazer um curso que fugia tanto da realidade de todas as pessoas que estavam próximas à mim, se sentou comigo à mesa e me deu todo o incentivo que precisava, sua fala “Maria Eduarda, não deixe de fazer o curso que sempre quis, você pode chegar aos quarenta anos e olhar pra trás muito arrependida” ficará comigo para sempre.

Por fim, agradeço aos meus amigos, a família fora de minha cidade natal que fez tudo ser suportado e possível. Sem eles, todas as cargas seriam mais pesadas e todos os dias passariam mais lentamente. Fico feliz por ter recebido tanto acolhimento e por ter vivido os melhores anos da minha vida sendo aluna da UFU e cursando o meu curso dos sonhos.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – O pequeno príncipe.....	13
Figura II - Esquema montado do ideograma de ma	16
Figura III - Automat.....	19
Figura IV - Rooms by the Sea	20
Figura V - Caminhante sobre o mar de neblina.....	22
Figura VI - De frente para água.....	23
Figura VII - Juntos.	24
Figura VIII - Movimento no espaço I.....	25
Figura IX - Movimento no espaço II.....	26
Figura X - Breve cochilo	27
Figura XI - Afeto	28
Figura XII - Sol da manhã.....	29
Figura XIII - Retrato da cidade I	30
Figura XIV - Retrato da cidade II.....	31
Figura XV - Abdução	32
Figura XVI - Fanart Hulk.....	33
Figura XVII - Sketch de experimentação I.....	34
Figura XVIII - Garota do cabelo azul.	35
Figura XIX - Beco vazio.....	36
Figura XX - Sentindo o vazio.....	37
Figura XXI - Storyboard da animação Corpo cansado	38
Figura XXII - Storyboard da animação Efêmero animado	42
Figura XXIII - Banho e solitude.....	44
Figura XXIV - Sentindo a luz	45
Figura XXV - Quadrinho da planta	46
Figura XXVI - Quadrinho da cena acordar.	47
Figura XXVII - Frames comparativos da cena das borboletas.	50
Figura XXVIII - Quadrinho da cena levantando da cama	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O LIVRO ILUSTRADO	10
3. FAYGA OSTROWER.....	22
4. O PROCESSO CRIATIVO E A CONSTRUÇÃO DO LIVRO.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6. REFERÊNCIAS.....	30

RESUMO

Esse trabalho se concretizou em um livro ilustrado que conta a história da artista Fayga Ostrower. Sua intencionalidade vai além do estético e da narrativa, a ideia central é obter um material didático infanto juvenil que pode ser usado como recurso para o ensino de artes.

A pesquisa engloba desde a ilustração como linguagem única até a imagem e vida de Fayga em um contexto de biografia para crianças e jovens adolescentes, unindo história da arte, narrativa e ilustração. O processo criativo envolveu inicialmente a diferenciação dos conceitos de livro ilustrado e livro com ilustrações, para que todas as imagens usadas pudessem ir além de apenas descrever a narrativa, trazendo novidades ao leitor.

Fayga Ostrower foi escolhida por ter uma trajetória riquíssima, cheia de enfrentamentos e de grandes feitos, sua história foi materializada em um livro com muitas cores e obras de arte originais da artista. A produção foi pensada de modo que, crianças, pais ou professores pudessem aprender sobre arte e educação em um livro que pode ser usado em salas de aula ou fora dela.

Palavras-Chave: Livro ilustrado. Fayga Ostrower. Gravura. Desenho. Material didático.

ABSTRACT

This work materialized into an illustrated book that tells the story of the artist Fayga Ostrower. Its intentionality goes beyond aesthetics and narrative; the central idea is to create an educational resource for children and young adolescents that can be used for teaching art.

The research encompasses not only illustration as a unique language but also Fayga's life and image within the context of a biography for young readers, combining art history, storytelling, and illustration. The creative process initially involved distinguishing between the concepts of an illustrated book and a book with illustrations, ensuring that all images used went beyond mere narrative description, providing novelty to the reader.

Fayga Ostrower was chosen because of her rich trajectory, full of challenges and significant achievements. Her story was materialized in a book filled with vibrant colors and original artworks by the artist. The production was designed so that children, parents, or teachers could learn about art and education through a book suitable for both classroom and independent use.

Keywords: Illustrated Book. Fayga Ostrower. Engraving. Drawing. Educational Material.

1. INTRODUÇÃO

A ideia desse projeto veio até mim quando estagiei como monitora em uma escola de educação infantil e tive muita autonomia com as crianças da minha turma, eram alunos do maternal e o uso de livros ilustrados aliados a contação de histórias era um dos principais recursos didáticos da escola, reafirmados todos os dias pelas professoras e monitoras. Me encantei pelo universo do lúdico e a capacidade que a contação de histórias tinha para aumentar a concentração, trazer o sentimento de coletividade e estimular o imaginário das crianças. Quando terminei o estágio procurei continuar nesse universo cursando a disciplina de Literatura infanto juvenil e participando do projeto de extensão Contação de Histórias UFU no CEU Shopping Park.

Nesse momento fui percebendo a presença das crianças de nove a doze anos no projeto, e observando como esse é um público pouco explorado quando pensamos em livros didáticos ilustrados. A partir do momento que a alfabetização é iniciada na vida da criança, os recursos imagéticos vão diminuindo e a narrativa escrita se consolida como protagonista, por vezes, a ilustração é menosprezada como algo que não corresponde a essa faixa etária, já que eles já são considerados alfabetizados e capazes de realizar uma leitura independente, essa associação define a ilustração apenas à uma descrição visual do texto.

Paralelo a isso, na disciplina de Literatura Infanto Juvenil eu entendia a importância da linguagem única das ilustrações, no CEU eu reconhecia como as crianças maiores também buscavam o lúdico e também se encantavam com aquela experiência.

No curso de artes, na disciplina de Ilustrações e Narrativas, consegui obter a noção necessária de criação de personagem para concretizar a ideia que nascia junto a todas essas vivências: a produção de um livro ilustrado biográfico infanto juvenil que contasse a história de alguma artista brasileira.

Em outubro de 2022 o Museu Universitário de Arte (MUNA/UFU) recebeu a exposição “Universos da arte” da artista Fayga Ostrower, com um vasto acervo doado pela família da artista. Eu tive a oportunidade de visitá-la várias vezes, atuar em uma visita guiada e estudar sua biografia a fundo. Foi encantamento à primeira vista, sem dúvidas essa era uma história que eu gostaria de contar, sua

paixão pela educação, sua persistência mesmo sendo emigrante e tendo dificuldades em se estabelecer no Brasil, sua coragem de tentar uma linguagem nova. Todas essas qualidades me fizeram pensar que essa é a artista que eu gostaria de contar a história, e que eu queria essa veia inspiradora pulsando em cada desdobramento da vida de Fayga.

Os capítulos dessa monografia foram divididos de forma a percorrer inicialmente pelo conceito do livro ilustrado, seguido pela história e escolha de Fayga Ostrower como protagonista e finalizando com o processo criativo do material.

Os objetivos principais para este projeto foram:

- Catalogar informações sobre a vida da artista Fayga Ostrower
- Apresentar quem é a mulher Fayga, além da artista premiada, e aproximar o leitor de sua trajetória.
- Pesquisar sobre o recurso do livro biográfico no ensino de arte
- Promover incentivo à emancipação feminina com uma história inspiradora de estudo e resiliência.

2. O LIVRO ILUSTRADO

Diferentemente de livros comuns que podem conter imagens, em um livro ilustrado, o texto e as ilustrações são igualmente importantes e se complementam. Enquanto o texto pode contar a história principal, as imagens adicionam detalhes, nuances ou subtramas, muitas vezes transmitindo emoções e conceitos que as palavras sozinhas não conseguem expressar. Além disso, o formato de um livro ilustrado pode ser muito variado, adaptando-se ao conteúdo e ao estilo da história, tornando cada livro uma experiência única.

De acordo com a “Lei de Diretrizes e bases da educação nacional” criada em 1996, foram estabelecidos Temas Transversais obrigatórios para se trabalhar dentro do espaço educacional. Essa lei foi um marco para produção de livros didáticos pois os escritores e artistas de material educativo precisaram se encaixar nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Anos mais tarde, em 2017 foi aprovado a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

...os diversos temas de grande relevância social, apesar de ainda não detalhados na sua forma de implantação, permaneceram contemplados como assuntos transversais e integradores de uma educação que busca uma sociedade mais justa, igualitária e ética, pois elevam o trabalho educativo para além do ensino de conteúdos científicos. (BRASIL, 2017, p. 11)

No livro *A literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras* organizado por Gregorin Filho e José Nicolau, os autores discorrem sobre o desenvolvimento de um texto que preserve uma individualidade consciente da criança, entenda sua importância no processo educativo e envolva uma relação artística de texto e imagem, somados aos Temas Transversais: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura.

Enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) abordavam seis Temáticas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta seis macroáreas temáticas (Cidadania e Civismo, Ciência e Tecnologia, Economia, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Saúde) englobando 15 Temas Contemporâneos “que afetam a vida humana em escala local, regional e global”. (BRASIL, 2017: 19)

Com as mudanças, agora temos quinze temas transversais contemporâneos, eles são: Ciência e Tecnologia, Direitos da Criança e do Adolescente; Diversidade Cultural, Educação Alimentar e Nutricional, Educação Ambiental; Educação para

valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras; Educação em Direitos Humanos; Educação Financeira; Educação Fiscal; Educação para o Consumo; Educação para o Trânsito; Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso; Saúde; Trabalho e Vida Familiar e Social. Esses temas, desde que estabelecidos, transformam a produção de material educativo e sua intencionalidade.

Quando pensamos na produção de livros, existe a diferença entre o livro ilustrado e o livro com ilustrações, podemos observá-la na função que as imagens desempenham na narrativa. Em um livro ilustrado, texto e imagens são interdependentes e têm igual importância; as ilustrações são fundamentais para a compreensão completa da história, muitas vezes contando partes da narrativa que o texto não aborda. Já em um livro com ilustrações, as imagens servem mais como um complemento visual ao texto; elas enriquecem a experiência de leitura, mas não são essenciais para entender a história.

Um exemplo de Livro com Ilustrações é o clássico “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry escrito e ilustrado pelo autor em 1943. Nele, o texto permanece a narrativa principal mesmo que contenha ilustrações memoráveis feitas pelo próprio autor. O desenho não tem como prioridade ter sua própria narrativa e sim, complementá-la e descrever o que se passa de maneira imagética, suas ilustrações não são essenciais para a compreensão total da história.



Figura 1 – Saint-Exupéry, Antoine, Aquarela, 1943.

Fonte: O pequeno príncipe.

Ainda me recorrendo ao texto organizado por Gregorin Filho e José Nicolau, quando os autores vão exemplificar uma boa amostra de livro ilustrado, eles citam a obra *O pintinho que nasceu quadrado* tendo a autoria das ilustrações por Helena Alexandrino, Mestre e Doutora em Artes Visuais na linha de pesquisa “Poéticas Visuais” e que, dentre outros prêmios, ganhou o Prêmio Jabuti em 1997, na categoria Melhor Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil.

Nas ilustrações feitas por ela, existe uma intenção de mostrar o estático como negativo, incentivando a aceitação do próprio eu e da busca por si mesmo, onde as diferenças podem ser aceitas em um mundo que precisa ser transformado. A ilustradora, no meio desse processo, também inclui o céu de Van Gogh nas passagens da jornada dos personagens principais, educando as crianças para a arte e instigando o leitor para a produção de intertexto. Recurso visual muito interessante quando pensamos em ir além do que a história passa.



Figura II – Alexandrino, Helena, Ilustração, 2007.

- Fonte: O pintinho que nasceu quadrado

O autor Luís Camargo em seu livro *Ilustração do livro Infantil* reflete a temática em um formato de “catálogo”, tendo um vasto conteúdo de obras ilustradas, todas analisadas pelo educador artista, um verdadeiro panorama sobre a ilustração no Brasil, com estilos e técnicas enumeradas. Para o autor, a imagem não apenas acompanha o texto verbal, mas também exerce uma forte atração sobre o leitor, incluindo adultos.

Pensando sobre a função expressiva e ética da ilustração, o autor cita (1995, p. 36) Helena Alexandrino

A ilustração expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais das personagens e dos próprios elementos plásticos, como linha, cor, espaço, luz, etc. Este é o caso de Cotovia, de Lúcia Villares, poema narrativo que tematiza a perda do ser amado. A ilustradora Helena Alexandrino traduziu plasticamente essa perda através de amplos espaços vazios e personagens isolados ou afastados uns dos outros.

A ilustração também expressa valores pessoais do ilustrador e outros mais abrangentes, de caráter social e cultural.

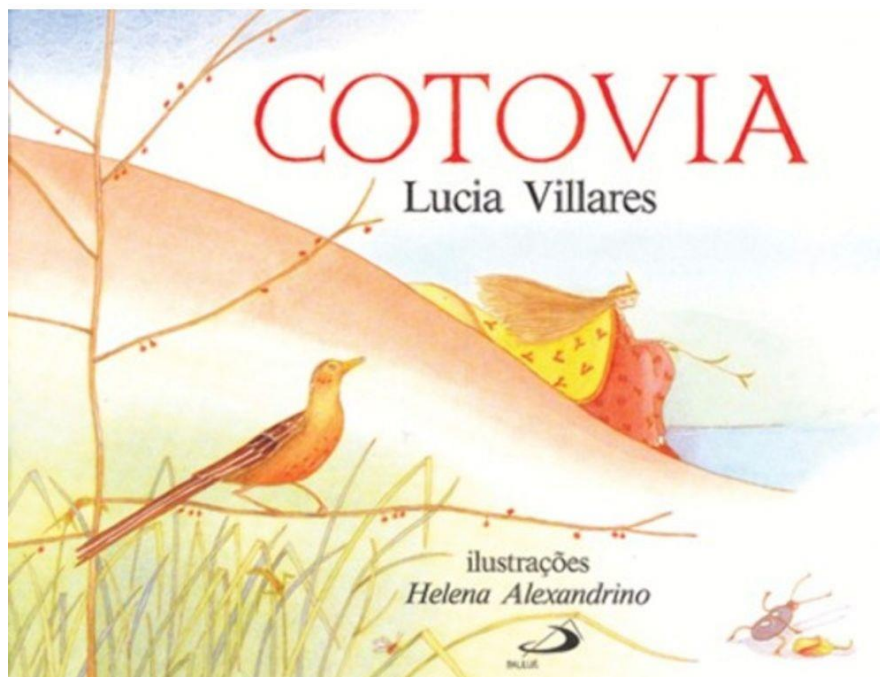


Figura III – Alexandrino, Helena, Ilustração, 1987.

Fonte: O pintinho que nasceu quadrado

No texto de Luís Camargo o autor cita as funções da imagem, como, por exemplo, a função descritiva, narrativa e simbólica, dentre essas me encontro na função usada por Alexandrino, a expressiva/estética, onde pretendo dar a minha personagem características que a aproximem do leitor, e que criem um laço de afeto. Quando tomei a decisão que essa personagem seria Fayga Ostrower e sua trajetória ímpar que marcou a história da arte, sabia que não seria o suficiente comunicar ao leitor apenas seus grandes prêmios conquistados e suas produções de sucesso, também tive como prioridade trazer para a história elementos como sua brincadeira favorita na infância, seu laço de cumplicidade com seus irmãos e seus desencontros, até finalmente iniciar sua carreira artística.

Nesse momento, procurei por um referencial de livro biográfico ilustrado que se aproximasse as minhas intenções e expectativas para história, então encontrei “Lineia no Jardim de Monet” escrito pelas suecas Christina Bjork e ilustrado por Lena Anderson em 1985. O livro conta a história da viagem de Lineia, que, em uma visita

a casa de seu vizinho Silvestre, conhece o trabalho do artista Claude Monet. A narrativa inicialmente foca nesse momento de apresentação dos personagens principais e do artista biografado, então, Lineia e seu Silvestre viajam até Paris e Giverny.

No livro, texto, obras e ilustrações se misturam. Fotos históricas se unem a registros atuais do jardim, o leitor vai sendo conduzido a descobrir a história de Monet junto a Lineia. Christina Bjork e Lena Andersen conseguem unir no livro arte, história e literatura de maneira interessante e atrativa para crianças e adolescentes, conforme o desenrolar da narrativa, acontecimentos relacionados a história da arte são retratados de maneira adaptada para o público-alvo. (1985, p. 14)

Depois disso, os críticos de arte, que escreviam nos jornais, começaram a chamar Monet de Impressionista. E não era para elogiar, mas para implicar com ele. Achavam que pintar impressões de um momento era perda de tempo, que as pinturas deveriam ser exatas e feitas com muito cuidado. E também um pouco cinzentas e escuras.

Naquele tempo, quase ninguém gostava da pintura de Monet. Achavam que eram um monte de borrões. Que parecia uma coisa confusa, suja, mal acabada. E com umas cores tão berrantes!!!

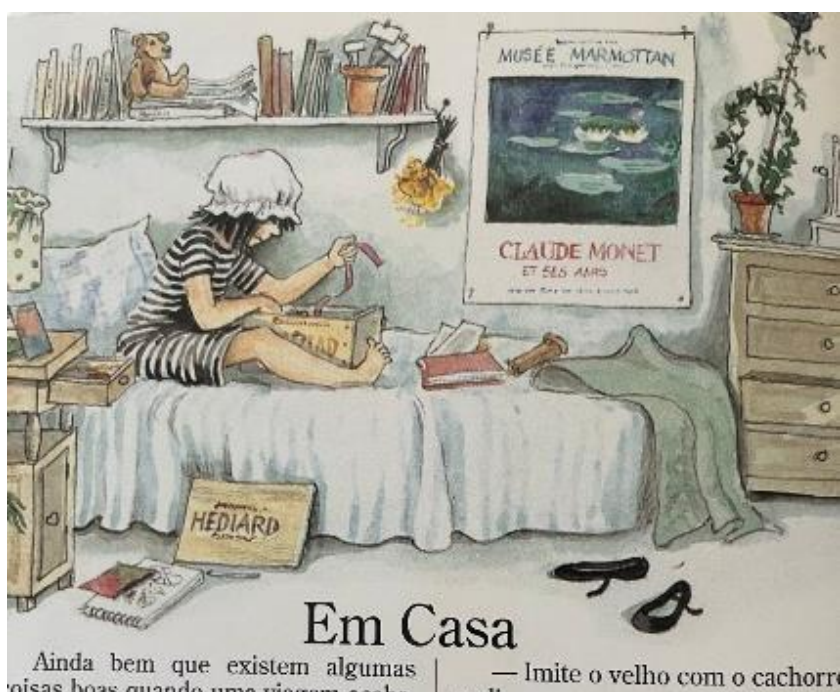


Figura IV– Anderson, Lena, Ilustração, 1985.

Fonte: Lineia no Jardim de Monet, p.48.

Senti muita identificação com a dinâmica das obras misturadas em cenários, era algo que queria trazer no meu livro. Tive a ideia de usá-las com a intenção de que em um primeiro momento as obras passassem despercebido se perdendo nas ilustrações, mas que, conforme a história fosse revelando o lado artístico da protagonista, as obras fossem ganhando outro significado.

O livro de Lineia também une fatos reais ao lúdico, tanto no decorrer da história, quanto em acréscimos de conteúdo, como por exemplo, nas páginas finais, reservadas para trazer informações como: museus na França, a árvore genealógica de Monet e uma lista dos anos em que se passaram episódios importantes da vida do artista. Esse foi um dos recursos didáticos que me interessaram, pois nesse caso, pode ser atrativo para professores usarem como uma espécie de guia na sala de aula, também pode ser usado para pais lerem junto aos filhos menores dando mais aprofundamento, ou até mesmo para que ascenda uma curiosidade no leitor para buscar mais informações sobre o artista protagonista, sua época vivida e seus feitos.

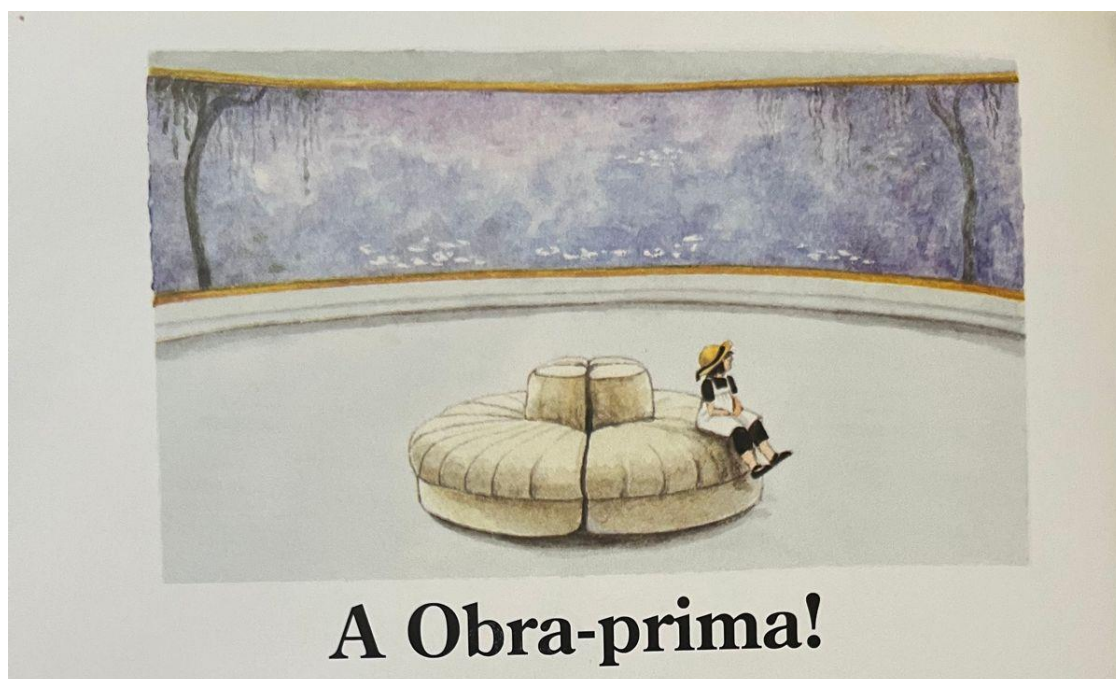


Figura V– Anderson, Lena, Ilustração, 1985.

Fonte: Lineia no Jardim de Monet, p.36.

Lineia visita o Museu da Orangerie e se senta para observar as ninfeias, ressaltando com “A obra-prima” e colocando em destaque na imagem seguinte o próprio Monet em registro fotográfico enquanto pintava sua grande obra. Nesse

momento, a obra, a ilustração e as fotografias histórias se misturam em uma grande sincronia. O leitor é convidado por Lineia a explorar o museu, o jardim e as fotos; a perspectiva da imagem, com detalhes aproximados, coloca o próprio leitor apreciando as obras e os detalhes da paisagem. Na imagem inferior, um recorte das Ninféias é destacado, ele domina a página dupla na horizontal e preenche nossa visão como um grande recorte em destaque, é como se o leitor observasse tudo o que a menina observa.



Figura VI– Anderson, Lena, Ilustração, 1985.

Fonte: Lineia no Jardim de Monet p. 37.



Figura VII– Anderson, Lena, Ilustração, 1985.

Fonte: Lineia no Jardim de Monet p. 37,38.



E também tenho umas outras coisas, que guardei numa caixa de madeira que encontrei numa lata de lixo em Paris: um macaquinho, uma touca de bebê, cem metros de fita de cetim cor-de-rosa (tudo isso eu comprei por uma ninharia no mercado-das-pulgas, em Paris), um livro vermelho com os mapas da cidade, um estojinho de

Figura VIII– Anderson, Lena, Ilustração, 1985.

Fonte: Lineia no Jardim de Monet p.49.

Na imagem acima por exemplo, um quadro de recados de Lineia é posto, nele o leitor consegue identificar elementos de passagem da história, como uma fotografia de Monet, ingressos, uma fotografia de Jean-Marie (bisneto de Monet), esse recurso visual pode trazer para o leitor algumas conexões com a história recém lida. Essa imagem é um recorte da página 49, onde a história se encerra.

O momento da contação de histórias desde o início foi algo que me encheu os olhos, desde a minha experiência como contadora no projeto de extensão Contação de Histórias UFU, a presença assídua das crianças de 8 a 12 anos me incentivava a optar por esse público. A proposta de fazer um livro ilustrado infantil pode não ser tão tradicional quanto a de se fazer um livro para o público infantil, porém, uma pesquisa feita pelas psicólogas Dra. Eveline Tonelotto Barbosa e Profa. Dra. Vera Lúcia Trevisan publicada na Revista Educação mostra como a literatura e a contação de histórias também promove desenvolvimento quando aplicada no ensino fundamental II, enfatizando que a presença da literatura em sala de aula favorece a

relação entre as funções psicológicas superiores por mobilizar a memória, a percepção, a atenção, o pensamento por conceito, a consciência, e, promove, o desenvolvimento do interesse e da participação de adolescentes em atividades escolares.

As experiências com essa faixa etária, que tende a reproduzir e verbalizar em suas atividades escolares o seu meio e a sua vivência, podem ser uma via de promoção de novas situações sociais de desenvolvimento que favorecem novos modos de pensar e agir sobre a realidade.

3. FAYGA OSTROWER

Fayga Ostrower (1920-2001), protagonista do meu livro ilustrado e dona de uma jornada única, foi a figura da história da arte brasileira que me inspirou desde a primeira visita em sua exposição no MUnA, quando precisei me aprofundar em sua história para agregar em uma visita guiada para deficientes visuais e procurei formas de passar ao meu público-alvo a dimensão de sua importância e relevância.

Era necessário para mim, nessa visita guiada com os associados da ADEVIUDI, procurar elementos de sua trajetória que fossem de encontro com os meus expectadores. Nesse momento de pesquisa e estudo, eu sentia que algo dela havia ficado comigo e sabia que como futura professora, iria compartilhar sempre que pudesse. Artista plástica, educadora e humanista, Fayga detém uma notável contribuição na história da arte deixando um legado importantíssimo com suas produções e seus vários livros publicados.

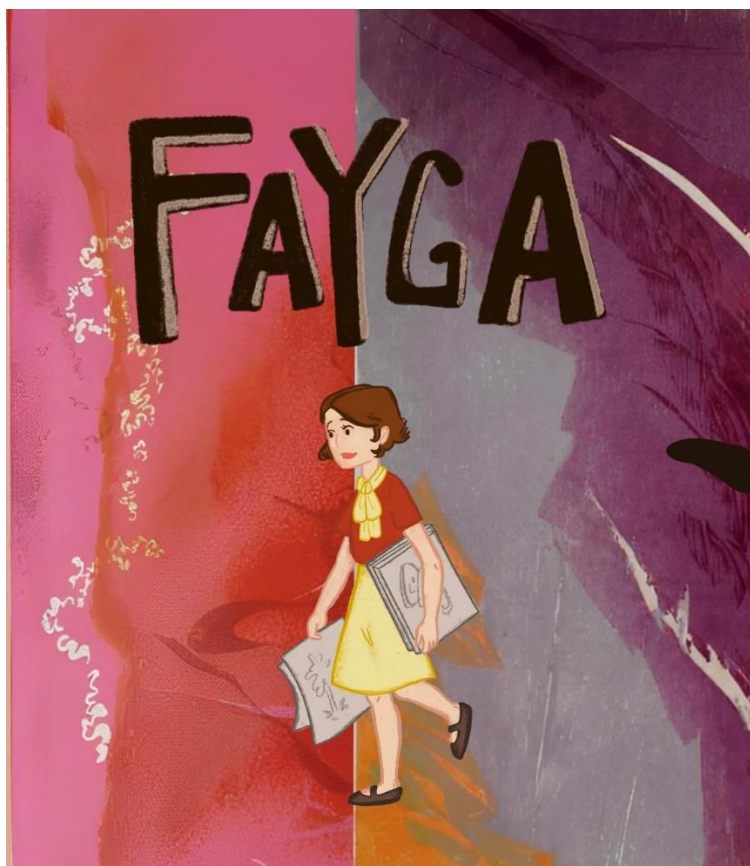


Figura IX – Capa do livro ilustrado “Fayga”, 2024.
Ilustração digital, acervo pessoal

Fayga não se interessava muito por escrever sobre si mesma, apesar de ter produzido muito material teórico, eles estavam sempre focados em falar sobre o próprio estado da arte, o intelecto e o processo criativo em si. Por esse motivo, para ir de encontro com seu lado pessoal, procurei por entrevistas dadas por ela a outras pessoas, para que isso me levasse a pensá-la como personagem.

A estratégia seria parecida com a própria pesquisa inicial para a visita guiada no MUnA, onde o caminho que havia escolhido, colocava sua história com tanto protagonismo quanto a obra, a diferença desse momento para a pesquisa relacionada ao livro ilustrado é o novo público. Se antes eu havia imaginado em uma maneira de compartilhar essa história com um grupo de pessoas majoritariamente idosos deficientes visuais ou com baixa visão, agora eu me aventurava a apresentá-la para crianças de oito a doze anos.

Para o ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) e o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) é considerado criança quem tem até doze anos incompletos. Para mim, contextos como suas brincadeiras de infância e seu primeiro amor, são mais do que características da vida da artista, são recursos que uso para que meu leitor consiga se enxergar na protagonista. Fayga não é só uma artista premiada de sucesso, ela também já foi uma menina simples e sonhadora com alma de artista.

No livro “Fayga Ostrower” encontro um compilado de textos da artista Anna Bella Geiger e de Fayga, lançado em 2015 exhibe também 51 reproduções de obras, escolhidas por Geiger, que foi aluna e amiga de Fayga. Dentre as diversas passagens que me chamaram atenção, uma se destaca:

Ao atribuir à gravura um valor essencial como meio de arte, Fayga dizia que *era isso que lhe dava sentido, o de tornar a arte da gravura acessível a um grande número de pessoas.* (2015, p. 6)

Em uma de minhas principais fontes, o Instituto Fayga Ostrower (IFO), museu virtual que contém artigos, fotos e obras, relembra o prêmio de Fayga na Bienal de Veneza (um dos mais icônicos de sua carreira) como a coragem de exhibir a xilogravura, naquela época vista como algo inferior às outras técnicas de gravura. Na fala acima, Fayga reafirma essa ideia, é nítida a importância que a artista deu para

as causas sociais e para que a arte não se restringisse aos meios acadêmicos e elitizados. Em minha história, gosto de pensar que consegui exprimir na personagem essa mesma postura.

A imagem a seguir é uma página dupla retirada do livro produzido por mim, que representa Fayga logo após iniciar o curso na FGV, uma grande virada de chave que mudou o curso de sua vida. Na primeira página, coloco Fayga segurando alguns papéis com suas gravuras posicionadas na “parede” e no seu ateliê, na página seguinte Fayga aparece como professora em sua própria casa, os outros personagens surgem sentados ao chão para ouvi-la. No quadro negro, duas xilogravuras então dispostas e abaixo dele existe outra, todas da fase figurativa da artista. Para mim, colocá-la como essa professora disposta a ensinar independente do local, foi ímpar para o seguimento da história, quando penso nos valores que estão sendo passados, gosto de pensar que a humildade da artista fez com que ela olhasse para todos e fosse mais longe do que muitos gravuristas de sua mesma fase.



FIGURA X- Página dupla do livro “Fayga”, Ilustração, 2024

Acervo pessoal, p.12,13.

Na palestra de Maria Luiza Távora, professora da UFRJ que já escreveu diversos artigos sobre Fayga e já esteve a frente da diretoria do IFO, a educadora coloca em foco a passagem da artista para o abstracionismo informal, o próprio lirismo das gravuras que também foi o tema de sua pesquisa de mestrado. A palestra é regada por comentários da própria Fayga sobre todo esse processo do abstracionismo na sua vida. Em uma das passagens exibidas, uma me chama atenção (Frederico Moraes, 1989)

[...] o informalismo, a abstração lírica não é um vale tudo, um território de desorganização, da desconstrução [...] a obra dela tem organização sem perder o seu caráter lírico.

A gravura de Fayga foi sempre um elemento de reflexão

Um ensaio escrito por Fayga para o encerramento do curso de composição e análise crítica, de 1959, conseguimos perceber sua visão poética e romântica sobre a arte. No final, ela dedica a seus alunos dois conselhos (1959, p. 3)

A primeira, por mais banal que soe, é que cada um de nos aspire a viver plenamente, procurando desenvolver todas as capacidades intelectuais, emotivas e espirituais. Procuremos recapturar a frescura, a plenitude de quando se sente o primeiro amor, quando tudo na vida nos atinge em cheio, nos fere, nos dá prazeres e tristezas diretas, sem acolchoamentos intermediários. Com isto não quero proclamar um novo romantismo, uma nova sensibilidade à flor da pele, mas simplesmente uma libertação de nossa capacidade espiritual que está sendo sufocada nesta época mecânica, e indiferente aos valores humanos. Quanto mais complexos e profundos nós formos, tanto mais reflexos encontraremos na arte: mais riqueza terá ela a nos oferecer, nunca se esgotará pois crescerá conosco e nós com ela.

A segunda sugestão seria procurar comunicar a beleza e a dignidade da arte a todos os que se deixem influenciar. Não é necessário saber explicar tudo – o que importa é a própria convicção. Transmitir esta convicção para que os outros também sintam que algo de grandioso e de infinitamente consolador existe na arte. Creiam que com amor à arte construirão uma vida imensamente rica.

A partir desse olhar, é possível refletir sobre a própria poética de Fayga. A valorização do belo, do espiritual e do sensível, norteiam seu pensamento crítico e sua própria produção artística.

4. O PROCESSO CRIATIVO E A CONSTRUÇÃO DO LIVRO

O planejamento do livro ilustrado se deu por meio do método storyboard, a prioridade inicial foi a parte escrita, para isso segui acompanhando principalmente a linha do tempo do Instituto Fayga Ostrower, que contém informações ano após ano dos acontecimentos da vida da artista, além de um acervo online permanente de diversas obras, preservando sua memória artística.

Existiam muitos detalhes que apesar de serem icônicos na vida de Fayga, não entrariam no texto, era preciso sintetizar em uma história curta, para fazer sentido com o público que almejei desde o início. Por isso, para adicionar outras informações que também considerei valiosas para o leitor, acrescentei uma folha dupla de “curiosidades”.

O plano desde o início já envolvia a presença desse adicional, um material que se parecesse com um extra, podendo ser mais atrativo para pais e professores. Fatos como, seus prêmios recebidos, o casamento com Heinz, e sua descendência judia são adicionados.

Na imagem a seguir vemos como essa ideia foi resolvida. No fundo, como uma margem, vemos a estampa “Café” de 1956, as obras de Fayga vão permanecendo em praticamente todas as páginas.

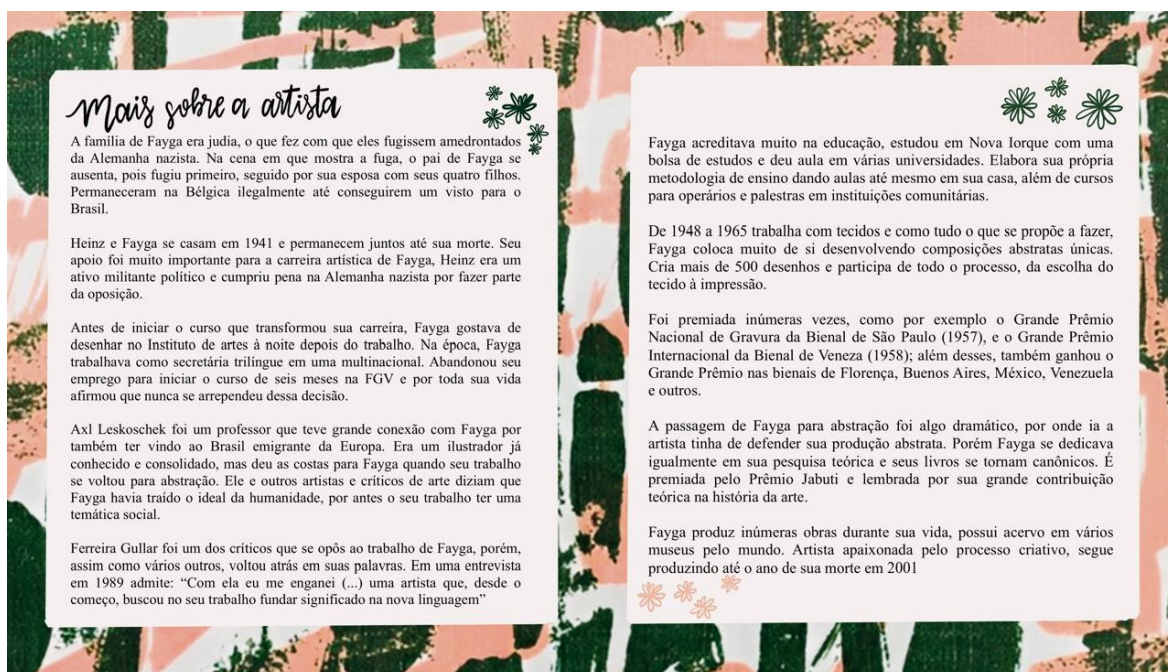


FIGURA XI- Página dupla do livro “Fayga”, 2024.

Fonte: acervo pessoal, p. 18,19.

A criação da personagem foi feita a partir de fotos originais da época, novamente o IFO foi uma fonte excelente, a referência das fotos da infância de Fayga foram o pontapé inicial para que minha protagonista tivesse suas características principais, como seu cabelo castanho curto e o uniforme da época, detalhes que foram usados para marcar a menina conforme as páginas e o tempo se passassem. A história não envolve datas, por isso, o crescimento da personagem não é norteado por uma passagem específica de tempo, e sim pelas mudanças físicas que transmiti pelo desenho.



FIGURA XII- Páginas iniciais do livro “Fayga”, Ilustração, 2024.

Fonte: Acervo pessoal, p. 2,3.

As obras, que junto à própria Fayga, também são protagonistas do livro, vieram não somente do acervo IFO, também tive acesso ao acervo do MUnA, que exhibe todas essas imagens de maneira permanente e online. Para mim, é interessante que o leitor veja a fonte da imagem e perceba que a grande obra que acabara de conhecer está muito mais próxima do que ele imagina, essa aproximação do artista com o leitor afasta a imagem da arte inacessível, ideia que a própria Fayga exaltou por toda a sua carreira, priorizando sempre que a arte deve ser produzida para todos.

As obras em um pequeno formato nas duas páginas iniciais, mostradas acima, “disfarçadas” na ilustração como apenas porta retratos e quadros de parede,

são elementos propositais. Essas obras ditam a paleta de cores das quatro primeiras páginas, mostram uma fase aquarelista muitas vezes pouco explorada e, como até então a personagem ainda não ganhou a identificação de artista, o leitor poderá ser surpreendido com essa informação mais adiante no texto.

A ideia é percorrer pelo livro por diferentes fases e linguagens artísticas, desde seus desenhos originais da viagem de navio da Bélgica para o Brasil, até suas gravuras, serigrafias, aquarelas e litogravuras. Fayga era uma artista diversificada e profissional nas mais diversas técnicas, no momento galeria, que acontece ao final do livro, é possível conferir as referências de cada obra que aparece na história.

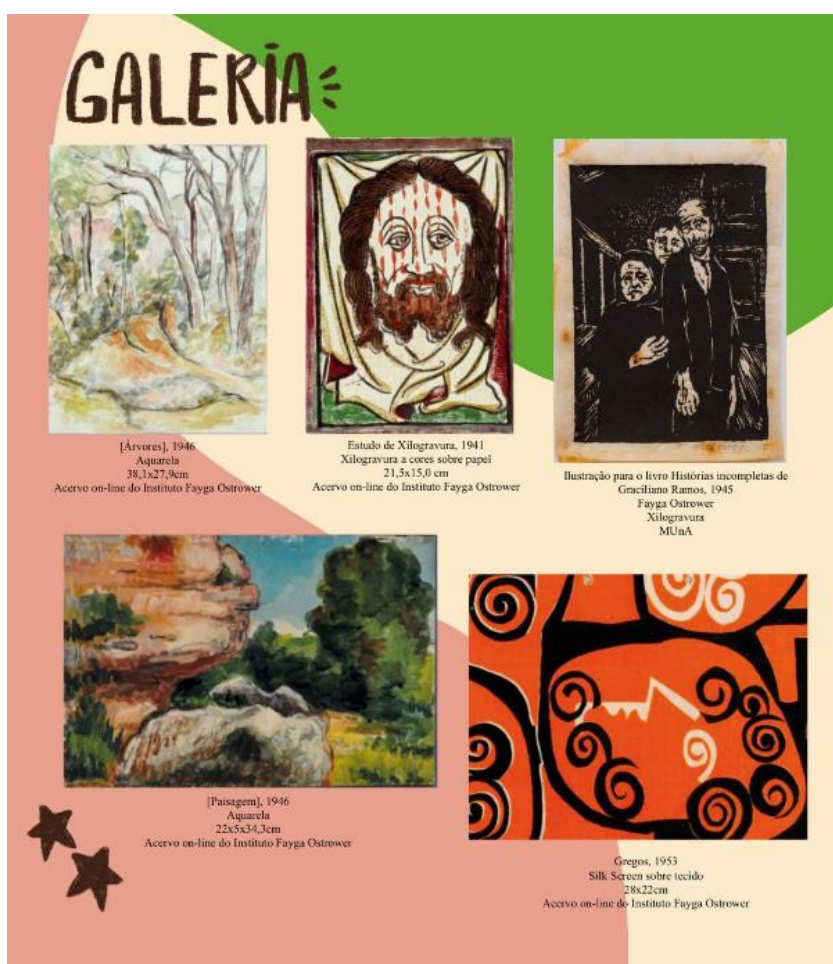


FIGURA XIII- Páginas extras do livro “Fayga”, 2024.

Ilustração digital, acervo pessoal, p.24.

A galeria do livro também é usada na função de “Desafio” a primeira página sugere um comando ao leitor para que encontre as imagens mostradas em suas respectivas páginas ao longo da história. Esse momento prevê que o leitor retorne do início para dessa vez, fazer uma leitura visual das próprias imagens e observá-las atentamente. Nesse momento, o leitor também pode ser induzido a refletir por qual motivo cada obra estaria onde está, como por exemplo, identificar as aquarelas pois foram dispostas juntas e as três gravuras amarelas da contracapa por seguirem uma única cor.

Essa também é uma oportunidade para os leitores observarem em tamanhos maiores, as imagens que antes haviam sido colocadas em itens de decoração ou detalhes. Para os professores, esse momento pode também promover uma leitura de imagem feita pelos alunos.

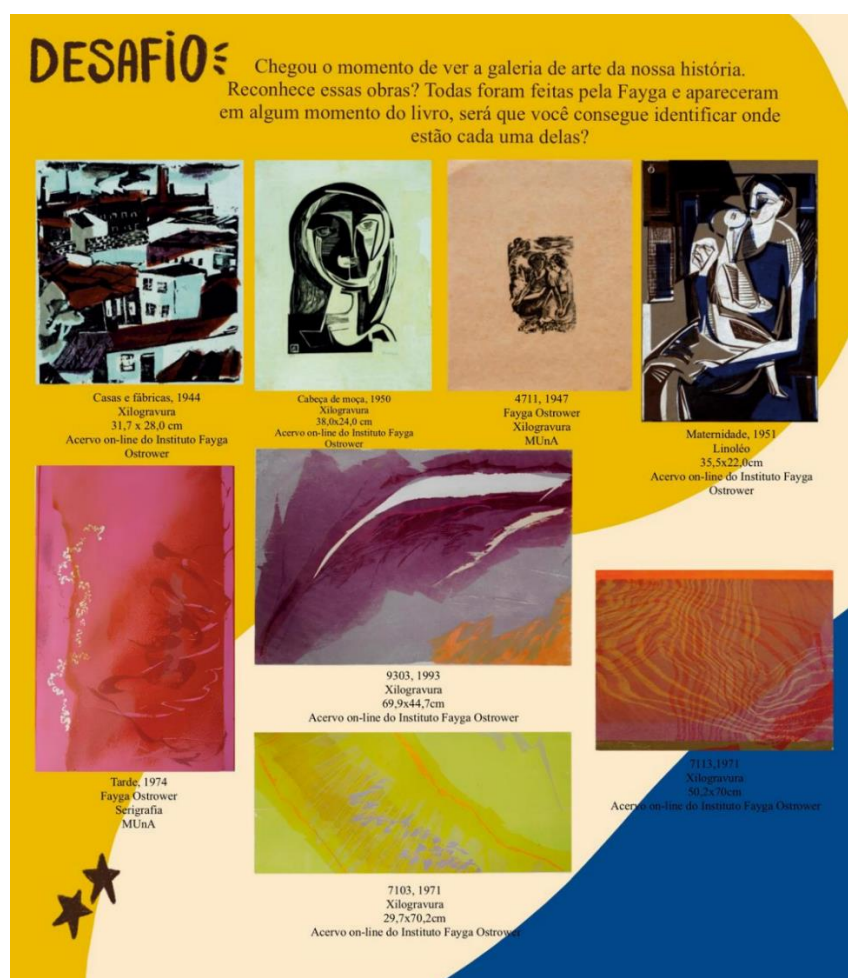


FIGURA XIX- Página extra do livro “Fayga”, 2024.

Fonte: Acervo pessoal, p.20.

Nas páginas seguintes, página 3 e página 4, novamente faço a escolha da página dupla. Nessa, para fugir da ideia de um livro apenas com ilustrações, e sim um livro ilustrado, as imagens trazem informações novas. Dessa vez não coloco nenhuma gravura de Fayga, a intenção é evidenciar que este não é um momento de felicidade e arte, fiz a escolha de não citar o nome de Hitler no texto, a figura dele aparece de forma subjetiva com as características físicas no personagem que domina a página, como o seu lembrado bigode.

O personagem que representa Hitler toma a página com sua dimensão desproporcional aos outros personagens da cena, a presença dele como um gigante traz o simbolismo do domínio e medo, ele também controla os soldados como suas marionetes. Dependendo da faixa etária dos leitores, tanto a imagem quanto as informações podem produzir intertexto.



FIGURA XIX- Página dupla do livro “Fayga”, Ilustração, 2024.

Fonte: Acervo pessoal, p.4,5.

Em um momento decisivo que mudou a vida de Fayga para sempre, surge a primeira gravura abstrata da artista no livro. O céu da página dupla é tomado pelo azul da obra e o verde da gravura se mistura com a própria paisagem da floresta, lugar onde a família de Fayga seguiu unida e com medo fugindo das forças da Alemanha nazista.

Neste momento, quando o leitor ainda não sabe qual trajetória a personagem principal irá tomar, a imagem de fundo pode passar despercebida. O resgate nas páginas de galeria faz o papel de construir um novo olhar para tudo o que já foi visto, o que antes passou em branco agora pode ser novamente notado e apreciado com outro olhar.

A família fica no canto da tela, o navio ainda segue a paleta de cores das 4 primeiras páginas e a gravura ganha esse lugar de presença principal. Uma associação interessante é que essa serigrafia se chama “Noite”, tal como o próprio período do dia quando a cena se passa, essa obra está presente no acerto do MUnA. A paisagem é composta por grandes árvores para que o sentido de floresta esteja evidente, sua paleta de cores permanece em tons mais escuros, seus traços são feitos de maneira simplificada para que não ocupe tanto o espaço e que deixe o fundo prevalecendo os detalhes da obra de Fayga.

A artista também era ilustradora, então usar suas obras como elementos complementares das ilustrações deixam uma satisfatória impressão de que tudo faz sentido.

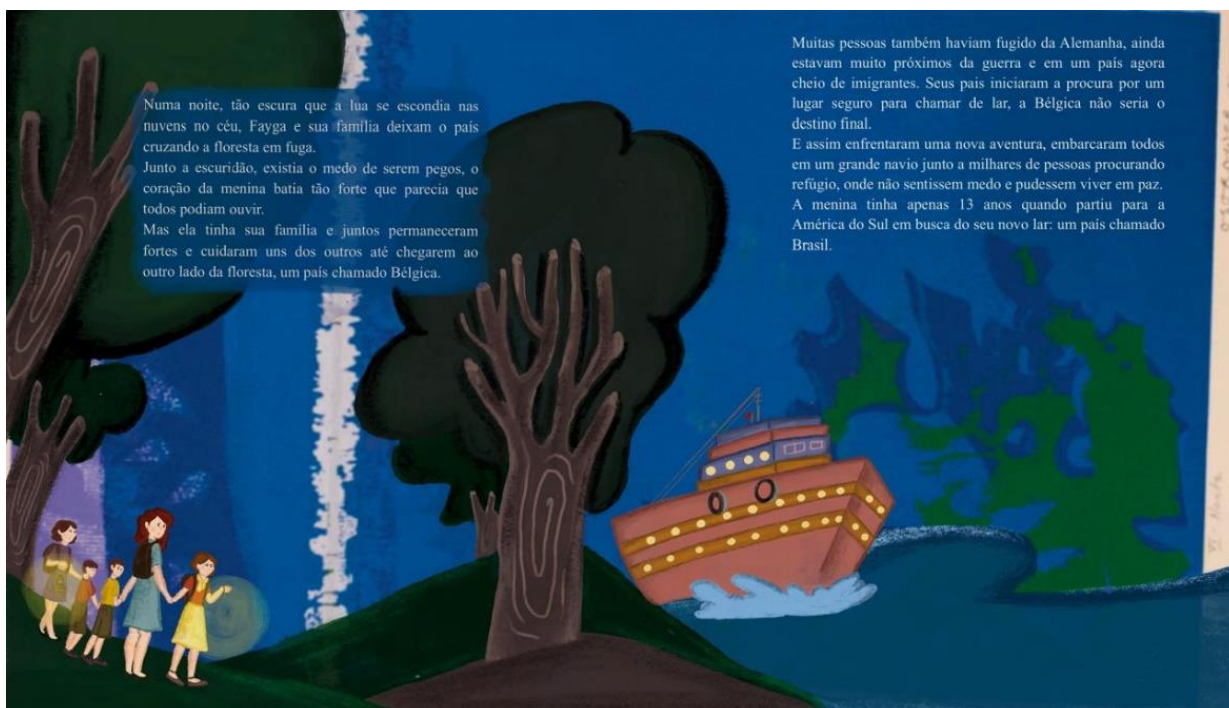


FIGURA XX- Página dupla do livro “Fayga”, 2024.

Ilustração digital, acervo pessoal

As paletas de cores vão se adaptando às obras de cada cena, de certa forma, as ilustrações se misturam com o seu entorno.



FIGURA XX- Página dupla do livro “Fayga”, 2024.

Ilustração digital, acervo pessoal

Na imagem acima, observamos os desenhos de Fayga quando tinha treze anos, sua viagem se aventurando artisticamente produz esse valioso acervo. Este é o último momento onde veremos seus pais e irmãos, por isso, a página seguinte mostra a imagem de todos juntos e reafirma o valor que Fayga sempre deu para esse laço, nas roupas de seus irmãos, surgem algumas estampas produzidas pela artista. Vai se seguindo por toda a história essa intencionalidade de produzir ilustrações que tragam novidades ao leitor, além do que o texto já nos diz.



FIGURA XXI- Folha de guarda para o livro Fayga, Ilustração, 2024.

Fonte: Acervo pessoal.

A escolha para capa, contracapa e folhas de guarda, foi de deixar as ilustrações como minoria e as obras em destaque quase absoluto. Na imagem acima, vemos a primeira folha de guarda, nela, o mapa mundi ilustra o trajeto feito pela família de Fayga de navio, e os países que a artista morou antes de vir para o Brasil, um recurso didático para que pequenos leitores entendam a simulação da distância percorrida, adicionando as bandeiras para que haja a diferenciação desses locais.

O mar de fundo na verdade é uma Litogravura feita por Fayga em 1985, uma das obras que está no acervo do MUnA, enquanto o mapa que o sobrepõe, é preenchido por uma serigrafia, ilustração de Fayga para a série de livros “Os Anjos e Demônios de Deus”, de 1973, escrito por Joaquim Cardozo.

A folha de guarda da contracapa, é uma espécie de despedida para o leitor. O livro se encerra com uma foto da artista rodeada por vários tecidos, estes participaram de uma fase importante da vida de Fayga. De 1948 até 1965 a artista cria mais de 500 desenhos, escolhe a dedo os tecidos e supervisiona o processo de impressão. Em sua primeira exposição de sua fase abstrata, MEC-RJ em 1953, vemos a presença

dos tecidos junto à gravuras e desenhos.

O plano de fundo da fotografia é uma serigrafia de 1984, um ano ímpar na vida da artista, onde visita o Anfiteatro de Epidaurus, na Grécia, lugar onde descreve em carta para os filhos (1984, IFO):

Epidaurus é lindo, lindíssimo! É um dos lugares mais maravilhosos deste planeta. (...) Há que ir a Epidaurus e ficar sentado em silêncio neste anfiteatro (de preferência não em horas de turismo). Neste silêncio somos tomados por um sentimento da mais profunda felicidade e paz de espírito e, por um instante e de modo misterioso, parece que compreendemos o sentido de viver. Sim, a beleza pode curar.

Anos depois, após seu falecimento em 2001, suas cinzas seriam ali deixadas exatamente no mesmo bosque onde a carta foi escrita. Fayga termina sua vida deixando projetos e viagens agendadas, sua produção artística segue até o ano de sua despedida.

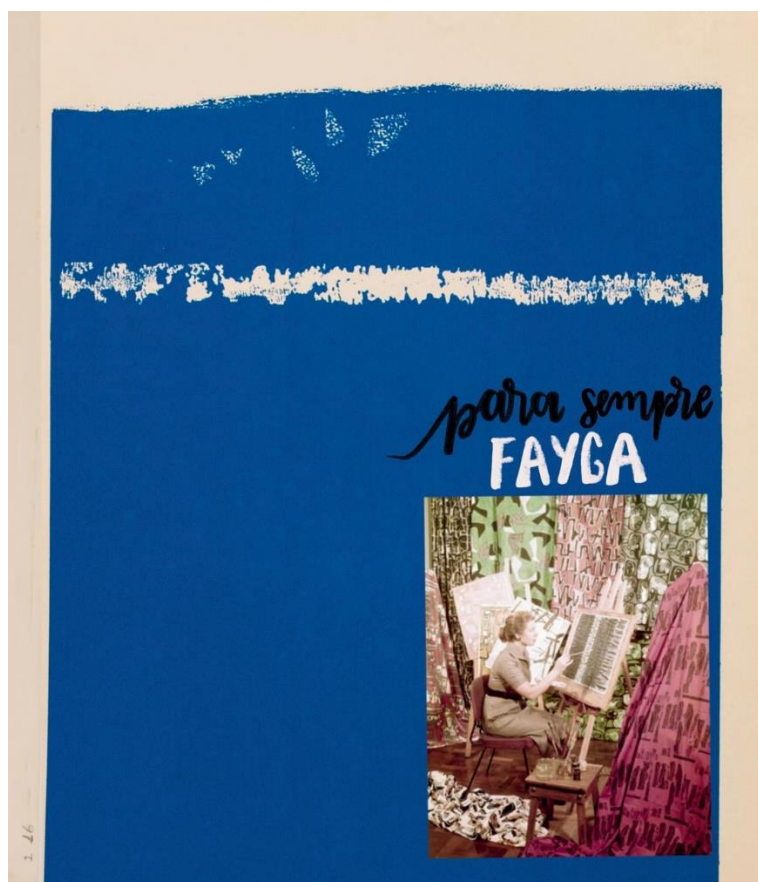


FIGURA XXII- Folha de guarda final para o livro Fayga, Ilustração, 2024

Fonte: Acervo pessoal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propiciou a produção de um material educativo que incentiva crianças e jovens adolescentes a conhecerem mais sobre arte e a influência de Fayga Ostrower, retratando a mulher por trás da artista que ganhou vários prêmios, e aproximando sua história do leitor comum. O livro teve como seu principal objetivo alcançar um potencial para desenvolvimento da criatividade, da ética e do lúdico.

O produto final se concretizou em um livro físico, protótipo inicial para futuros livros que também visem valorizar a arte brasileira e nossos artistas. Unindo ilustração e obras originais, o livro tem como pretensão servir de estímulo para crianças e jovens artistas mostrando a história de uma mulher que abandonou seu trabalho como secretária trilingue para viver a arte e da arte. O trabalho de Fayga foi além da galeria, produzindo estampas de roupas, ilustrando livros e jornais, criando design de joias e lecionando em várias universidades e também em ambientes educativos informais.

Fayga Ostrower é uma força da natureza, trilhou um caminho oposto às mulheres de sua geração e conquistou seus objetivos mesmo com vários empecilhos pelo caminho, esta pesquisa buscou materializar a história dessa artista de uma forma que causasse identificação e inspiração em seus pequenos leitores.

6. REFERÊNCIAS

- BJÖRK, Christina. Lineia no Jardim de Monet. 1 ed. Dinamarca: Salamandra, 1985. 49 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em Acesso em 21 Mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf Acesso em: 21 Mar. 2024.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAMARGO, Luís. Ilustração do livro infantil. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995. 152 p.
- GINGER, Anna Bella. Fayga Ostrower. Insight, 2015. 122 p.
- GREGORIN, F. N. José; PINA da C. K. Patrícia; MICHELLI, S. Regina. A literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras. Dialogarts, Rio de Janeiro, p.1-25, 2015. Disponível em:
https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf
- INSTITUTO FAYGA OSTROWER. Disponível em:
<https://faygaostrower.org.br/>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- OSTROWER, Fayga. Arte e espectador. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro p. 1-3, 1959. Disponível em <https://faygaostrower.org.br/livros-e-videos/artigos-e-ensaios/arte-e-espectador>
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. 187 p.
- OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus. 358 p.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 91, 2 p.
- TAVARES, Ricardo. História do livro didático. Revista Educação, 15 de setembro de 2021. Disponível em:
<https://revistaeducacao.com.br/2021/09/15/historia-livro-didatico/>. Acesso em: 10 de março de 2024.
- TÁVORA, Maria Luiza. Palestra – IFO. YouTube, 27 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://youtu.be/9-Q-7VkJajY?si=CYO5ZzV2zsr1DpXX>

UNG. O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO
DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL
II. Revista Educação, Guarulhos, v. 13, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em:
Revista Educação. Acesso em: 3 de abril de 2024.